

A formação leitora do jovem e o consumo dos livros em série

Ana Cláudia e Silva Fidelis

175

Resumo

Desde o *boom* de Harry Potter, discute-se o possível desequilíbrio entre a questão do valor da obra, a representatividade junto ao leitor e a formação leitora. Vê-se uma arena de debate em que as instâncias legitimadoras do literário se realinham para compreender o apelo de obras em que universos mágicos são utilizados para tratar de temas caros ao adolescente. É possível pensar em formação leitora quando se trata da imersão nesse universo literário? A questão não se restringe à comparação com os chamados clássicos da literatura, visto que os critérios de apreciação e de regulação dos sistemas literários podem ser diversos, considerando os modos de regulação de cada sistema. Para refletir sobre o processo formativo dos jovens, é preciso compreender o campo literário como um sistema múltiplo, formado por diversos microssistemas, entre eles a literatura de mercado e a literatura infantojuvenil. Tendo como *corpus* de análise uma série – *A seleção*, de Kiera Cass –, pretende-se refletir sobre os protocolos de leitura que permitem ao jovem compreender convenções próprias do universo literário e critérios de apreciação dessa comunidade de leitores, formada a partir dos tecidos narrativos construídos pela obra e por comunidades “fanfiqueiras”, por exemplo.

Palavras-chave: jovem; leitura; literatura infantojuvenil.

Abstract

The young readers' formation and the reading of book series

Since the boom of Harry Potter, it has been under discussion a supposed imbalance among the work's relevance, its representativeness, and the reading formation. Thus, it is set a debate scenario where those in position to legitimize the Literature conform to grasp the appeal of these works in which mythical universes are used to address important subjects for teenagers. Is it possible to think about reading formation while diving in this type of literary universe? This subject goes beyond comparisons with the so-called classics of literature, since the criteria used to appreciate and manage literary systems can be diverse, considering the ways to regulate each system. To reflect upon the formative process of youngsters, it may be important to understand the literary field as a multiple system, made of many smaller systems, among which are the mass literature and the literature for children and young adults. Using the book series – The selection, by Kiera Cass – as corpus, this paper analyzes reading protocols that facilitate youngsters' comprehension of typical conventions of the literary universe and the appreciation criteria used in this community of readers, which is made from the narrative fabric woven by this book series and fanfic communities, for instance.

Keywords: youngster; reading; literature for children and young adults.

176

Resumen

La formación lectora del joven y la lectura de los libros en serie

Desde el boom de Harry Potter, se discute el posible desequilibrio entre el tema del valor de la obra, la representatividad junto al lector y la formación lectora. De ese modo, se observa un local de discusión donde las instancias legitimadoras de lo literario se realinean para comprender el clamor por obras en que universos mágicos son utilizados para tratar de temas caros al adolescente. ¿Es posible pensar en formación lectora cuando se trata de la inmersión en ese universo literario? La cuestión no se restringe a la comparación con los llamados clásicos de la literatura, considerando que los criterios de apreciación y de regulación de los sistemas literarios pueden ser variados, observando los modos de regulación de cada sistema. Tal vez sea importante, para reflexionar sobre el proceso formativo de los jóvenes, comprender el campo literario como un sistema múltiple, conformado por diversos microsistemas, entre ellos la literatura de mercado y la literatura infantil y juvenil. Teniendo como corpus de análisis una serie – La selección, de Kiera Cass –, se pretende reflexionar sobre los protocolos de lectura que permiten al joven comprender convenciones propias del universo literario y criterios de apreciación de esa comunidad de lectores, conformada a partir de los tejidos narrativos construidos por la obra y por comunidades "fanfiqueras", por ejemplo.

Palabras clave: joven; lectura; literatura infantil y juvenil.

Da natureza da reflexão: literatura versus literatura

A premissa central deste ensaio baseia-se no questionamento: leitura de literatura e consumo de livros em série na contemporaneidade são faces dicotômicas quando se pensa na formação leitora do jovem? A reflexão que se pretende operar é relativa à possibilidade de compreender a chamada literatura de massa ou literatura *best-seller* a partir de critérios de apreciação que permitam destacar pontos de intersecção entre essas formas de construção do literário e as formas canonizadas e de prestígio que compõem o universo da literatura.

Nesse sentido, não se trata de relativizar a importância do cânone e suas formas reguladoras de legitimação do que é literário e literatura nem de desmerecer certas formas de expressão construídas na contemporaneidade como uma literatura “menor” ou intrinsecamente de má qualidade. A tentativa é de abandonar uma visão binária sobre o território literário, levantando “bandeira branca” na disputa entre boa literatura *versus* má literatura, e compreender que os critérios de apreciação do texto literário podem se aproximar em vários momentos e, obviamente, se distanciar em outros. Desse modo, a questão se desloca para o quanto cada um desses sistemas com seus objetos literários pode ou não contribuir para a formação leitora do jovem.

Tendo como *corpus* de análise a série *A seleção*, de Kiera Cass, deseja-se refletir, para além do binômio má/boa literatura, como as obras permitem ao jovem a compreensão sobre convenções próprias do universo literário e possíveis reverberações para a formação leitora e para a ampliação do repertório do jovem na intersecção entre a temática das obras seriadas e o cânone.

177

Literatura e a questão do valor: as várias teias do polissistema

Em sua gênese, o objeto literário parece se ancorar sobre uma aporia, na medida em que não é possível uma definição precisa ao nomear “literatura”. Casanova (2002), por exemplo, indica que o território literário tem um modo peculiar, muito próprio de demarcar as fronteiras de seu território, de construir medidas reguladoras que possam discriminar a natureza do literário, de dar voz aos reguladores do sistema, gerando hierarquias e violências. Segundo a autora, para a composição do território, revela-se premente a necessidade de se elegerem “instâncias de consagração específicas, únicas autoridades legítimas em matéria de reconhecimento literário e encarregadas de legislar literariamente” (Casanova, 2002, p. 26); capazes, portanto, de indicar à comunidade leitora o que é ou não literatura.

Embora não passível de definição, esse território não surge do acaso, mas de sucessivos movimentos de construção e análise do próprio objeto de estudo, em que se estabelecem regras, leis ou medidas reguladoras: “esse território literário vai se delineando num processo de lutas e demarcações de poder pelos agentes que movimentam a cena literária: a crítica e instituições reguladoras como a escola, a academia, o mercado editorial e o público” (Fidelis, 2008, p. 11-12).

Os embates, então, podem surgir das diferentes percepções que as instâncias legitimadoras possuem sobre o objeto literário e os diversos critérios para sua apreciação, seu alcance, sua força como elemento de fruição, seu *status* e suas intencionalidades. Se olharmos para a superfície desses jogos tensionais, o questionamento de fundo se restringe à questão do valor, ou seja, à antiga e, talvez, já desgastada imagem da boa e da má literatura, trazendo à tona uma série de “regras sedimentadas” na configuração da geografia desse território (por exemplo, que o valor de uma obra está atrelado ao tempo ou que cabe apenas à crítica a capacidade de julgar o que é literário).

Subjacente à questão do valor, coloca-se a oposição entre o cânone e as demais formas de expressão dentro do campo; o primeiro é considerado modelar e as outras consideradas de “menor” qualidade estética. Talvez aqui resida o principal problema quando se pensa em todas as formas de expressão literária produzidas ao longo da história e, sobretudo, na contemporaneidade.

Não se trata de dispensar as regras reguladoras do sistema ou relativizar certas instâncias de legitimação. Não é tão somente um movimento de tensões entre crítica e público, visto que, em geral, são essas duas forças que, aparentemente, mais se ressentem dos critérios adotados, por uma ou por outra, para a legitimação do literário.

Refletir sobre literatura, sobre a natureza do literário e suas formas de expressão não pode se limitar a uma visão binária, mas assumir, como aponta Even-Zohar (1990), o território literário como um polissistema. Assim, segundo o autor, essa perspectiva dá espaço para compreender os objetos culturais (neles inclusos a literatura) em sua heterogeneidade, permitindo que não se ignorem ou descartem os sistemas literários não considerados centrais ou de prestígio.

Nesse sentido, a análise de livros em série, cuja explosão se dá no final dos anos 1990 do século passado, com o fenômeno Harry Potter, tem muito a ganhar ao se alinhar à perspectiva teórica de Even-Zohar. Tal concepção permite que se estabeleçam aproximações e distanciamentos para uma apreciação mais adequada desses objetos literários e, simultaneamente, de consumo no *mass media*, de modo a perceber seu impacto sobre a formação leitora do jovem para além dos juízos de valor tão presentes quando se trata de demarcar as fronteiras do território literário.

Livros em série: uma história do Big-Bang

Em 26 de junho de 1997, foi lançado *Harry Potter e a pedra filosofal*, o primeiro livro da série, e, a partir desse cenário editorial, passou-se a movimentar uma “roda da fortuna” que levou milhares de jovens não apenas ao universo mágico/mítico da personagem central, que luta contra as forças imperativas do mal, mas também a outros tantos universos que se moldam e se apresentam na esteira do sucesso editorial, de público (e de crítica?) ao qual a autora J. K. Rowling e seus livros são submetidos. Assim, há pouco mais de duas décadas, a obra passa a construir uma

narrativa paralela à trazida no campo ficcional – a narrativa da obra como elemento cultural, midiático, objeto de consumo e de uma série de representações simbólicas que abrem caminho para o consumo da leitura e para a produção de outras narrativas que se alinham ao gosto do leitor emergente. Nas palavras de Martín-Barbero (2009), a indústria cultural preenche vazios e interrogações, oferecendo mitos, heróis e esperanças, promovendo uma comunicação entre o real e o imaginário.

Nesse sentido, há que se ter em mente (e sob análise) o impacto que a obra provoca nas principais instâncias legitimadoras do universo literário – mercado editorial, público, escola e crítica – e como a própria concepção de leitura e de fruição estética se reconfigura para se adaptar a uma nova realidade no que se refere à convivência com o livro e, conseqüentemente, com o universo que o gera – a literatura.

O princípio dessa história, em relação ao mercado editorial, está marcado pelas várias ações de fidelização dos fãs-leitores das obras que, alimentados pelo desejo das próximas linhas e páginas, corriam às livrarias num movimento quase épico para adquirir o novo volume, visto que o fluxo de edição se dava a cada intervalo de 12 meses, sempre antecedidos por grandes eventos midiáticos. Em um primeiro momento, ocorriam em horários que não “atrapalhassem” as rotinas cotidianas e escolares dos leitores e, posteriormente, à meia-noite, em uma construção tão ou mais “mítica” que o próprio momento de contato com a obra.

Com o sucesso da venda dos primeiros volumes da série, o mercado editorial passou a reconfigurar suas fronteiras (direcionando ações editoriais, metrificando estatísticas de vendas, parametrizando a rede livreira, reorganizando os espaços para comportar leitores, tornando a experiência de leitura um momento único), uma vez que abriu espaço novamente para a literatura de consumo dirigida especificamente ao leitor jovem.

No que se refere à crítica, a cada edição do novo volume da série, desestabilizava-se uma série de percepções sobre a leitura e as relações entre público e livro, e entre literatura e outras esferas culturais, como o cinema. Arregimentando eufóricos e pessimistas, o campo literário se viu cindido entre um discurso de benesses sobre a inserção do leitor no universo literário, sobre a fruição do texto como primeiro passo para leituras mais densas e desafiadoras, e um discurso sobre suas fragilidades de estruturação, sobre o tom clichê com que as temáticas são abordadas, sobre sua superficialidade “comestível” para assuntos de caráter filosófico e constitutivo da natureza humana (King, 2007; Bloom, 2000).

Por fim, o público, como instância também legitimadora dos valores do literário, reivindica para si, cada vez com mais força e critérios de apreciação, o poder de indicar o que se ler, quando se ler e como se ler. A força do público como instância de crítica é passível de ser analisada, por exemplo, por meio das comunidades “fanfiqueiras”, organizadas tendo como fio narrativo principal uma obra ou série, considerada, nesse ambiente, o *leitmotiv* tanto dos critérios de apreciação – mediante os quais se reflete sobre o literário – quanto o modelo para novas possibilidades narrativas.

A seleção: reflexões sobre a tessitura do texto – o que a obra revela e como o leitor a desvenda

A narrativa de *A seleção* se equilibra de maneira sutil entre os típicos clichês romantizados de um conto de fadas – o sonho de ser uma princesa, uma vida de vestidos, luxos e riquezas e um esperado casamento com conseqüente final feliz – e a distopia de mundos cujas certezas são/estão frágeis e as noções de sobrevivência, muitas vezes, sobrepõem-se à ética e às escolhas morais.

Em relação à temática, a obra investe em elementos muito presentes no imaginário do jovem leitor contemporâneo: a insegurança diante do futuro, um senso paradoxal de fragilidade e imortalidade, os conflitos familiares, as pressões sociais, o temor das escolhas e seus impactos sobre as próprias trajetórias. Desse modo, o leitor se vê representado nas peripécias das personagens, sentindo-se, assim, partícipe da narrativa. Um exemplo que ilustra esse típico sentimento adolescente é o momento em que America (a protagonista), em tensa conversa com Aspen (um de seus pares no triângulo amoroso central do enredo), questiona todo o sistema de castas que culmina na seleção para decidir quem será a princesa de Illéa. Nessa conversa, revela-se o amor proibido entre eles (ela pertencente à casta Cinco e ele é um Seis, inferior e, portanto, impedido de se aproximar dela); o desgosto dela diante da possibilidade de se inscrever no concurso e receber uma carta que a escolha como uma das candidatas; e suas várias reflexões sobre o quanto a vida se mostra muitas vezes injusta e inexorável. Ironicamente, não apenas os subalternos das castas lamentam seu destino, mas também o destino do príncipe – ele não sai com ninguém? Precisa de um concurso para conseguir um encontro? É uma gama de sentimentos contrários – revolta e esperança, descrença e desejos, injustiça e conformidade – explicitados em uma cena simples, quase banal, entre dois adolescentes desejando somente ser eles mesmos e não uma série de deveres e papéis sociais.

Para dar moldura a essas questões quase imperativas do adolescer, a obra cria um universo marcado pela disfuncionalidade e, desse modo, apresenta Illéa, um(a) país/terra devastado(a) por guerras e disputas, cuja organização em castas pretende manter o mínimo de senso de humanidade em seus habitantes. Sem mutabilidade entre as castas e com proibições que impedem os indivíduos de serem mais do que apenas engrenagens da máquina social, os jovens são relegados à inexorabilidade de seus papéis sociais.

“Mais do mesmo” seria possível pensar, num primeiro momento; no entanto, ao leitor contemporâneo, a obra parece ofertar uma tradição literária – narrativas distópicas e heróis títeres do destino, presos a suas trajetórias – com nova roupagem – adolescentes em suas inseguranças, vinganças mesquinhas, disputando um garoto, seja ele príncipe ou não. Nesse ponto de intersecção entre tradição e modernidade, os dilemas tipicamente adolescentes – a insegurança diante do amor, a crueldade entre pares, o desejo de liberdade e o dever com aqueles que ama, as angústias entre ser e parecer, os jogos e as máscaras sociais, os sentidos de sobrevivência diante das adversidades – mostram-se mais palpáveis e próximos da realidade. Afinal, são

35 jovens, de diferentes castas, participando de um *reality show* em que devem mostrar seu valor e suas várias qualidades e nuances de personalidade, lutando pelo prêmio principal: o príncipe e um casamento.

A voz narrativa, em primeira pessoa, configura-se como uma importante estratégia, permitindo uma identificação não apenas com a heroína, mas com sua visão sobre todo o processo ao qual está atrelada. Assim, os leitores, em sua maioria garotas, passam a encontrar em America a medida para si mesmos – ambivalentes em suas crenças, titubeantes frente a decisões importantes e complexas. Além disso, a personagem principal está distante de protagonizar o papel da típica heroína romântica – altruísta e sem contradições –, uma vez que não deseja, a princípio, o lugar que vai, paulatinamente, ocupando na mente de Madox (o príncipe sujeitado a uma escolha que não é sua) e do país, revoltando-se contra o sistema (tornando-se peça motriz do movimento de rebelião), percorrendo de maneira nada ortodoxa o caminho que lhe é traçado a partir do recebimento da carta que sela seu destino como uma das candidatas ao trono. Essa ambivalência se apresenta de forma contundente pelo modo como se dá a construção do triângulo amoroso entre Aspen/America/Madox, que coloca o leitor em suspensão durante grande parte da narrativa, visto que a personagem principal não se furta a estar com um e outro, misturando seus próprios sentimentos e confundindo o de seus parceiros. Ademais, os dois vórtices do desejo da garota são igualmente ambivalentes em seus sentimentos e desejos, embotando a percepção do leitor, que ora torce para um, ora para outro.

De um lado, um amor de infância, marcado pela impossibilidade ditada pelo regime de castas (Aspen/America), em que os personagens são descritos em situações totalmente destacadas da realidade que os cerca, isolados em seu mundo próprio, metaforizado na casa da árvore em que se escondem de todos e vivem apartados dos ruídos externos que lhes trazem os ecos da proibição e os interditos da realização amorosa, indicando a ambiguidade entre o que eles são e o que desejam ser; de outro, a possibilidade do amor (Madox/America), também marcada pela ambiguidade do jogo entre a aparência e a essência, um amor para o público e não para os protagonistas, cercado de câmeras, assistentes e concorrentes e privado de genuinidade.

Os aspectos apontados, em que podem ser destacados a frouxidão narrativa, o excesso de clichês e as soluções fáceis – elementos evidenciados pela crítica para relegar essa literatura a seu lugar de “insignificância” no sistema –, parecem ser exatamente o que permite não apenas a aproximação do leitor, mas seu reconhecimento nas personagens e no enredo.

De um lado, ao se deter sobre esses breves exemplos, o que parece seduzir o leitor é o componente humano com o qual cenas e personagens são delineados, resgatando sentimentos ontológicos, dando voz e veracidade, sensação de pertencimento e segurança, permitindo um exercício de leitura que não está atrelado a um “sentido correto e único”, quase que inatingível, imaginário muito presente no jovem, sobretudo em contraposição à leitura canônica. Nesse caso, o leitor se sente capaz para construir seus próprios sentidos para o texto, que se conjugarão com os sentidos de sua comunidade de leitores. Nesse momento, o leitor parece se

imbuir de um poder para apreender, manejar e compreender o texto de maneiras diversas, dispensando os processos mais rigorosos de apreciação pelos quais os sentidos de um texto podem ser construídos (Chartier, 1999), revelando uma relação com o escrito que não passa, necessariamente (ou de forma constante, permanente), pelos critérios de valoração da obra postos pela crítica, por exemplo.

Por outro lado, simultaneamente, ao se considerar a natureza dos comentários gerados nos *blogs* e nas comunidades “fanfiqueiras” sobre a trilogia, percebe-se que os leitores são cientes das potencialidades e das fragilidades das obras e não meros consumidores acríticos. Ao contrário, aplicam protocolos aprendidos pelas várias agências de letramento às quais foram submetidos, entre elas, inclusive, a da crítica literária, com a qual entram em contato de forma sistemática nas aulas estruturadas de literatura na escola. No *site Mundo dos livros*, por exemplo, ao tratar da segunda obra da trilogia – *A elite* –, a análise das personagens revela, do ponto de vista da resenhista, uma fragilidade na construção de America, visto que há mudanças significativas em sua personalidade do primeiro volume para o segundo, sobretudo no que se refere à forma como conduz o triângulo amoroso. Assim, a resenha aponta o caráter de verossimilhança (perdido, nesse caso) como injustificável do ponto de vista da construção narrativa (Vitorino, 2016).

A literatura em novos espaços: comunidades “fanfiqueiras” e a transformação do fã em “crítico literário” e/ou autor “consagrado”

182

As comunidades “fanfiqueiras” passam a ter um espaço importante no que se refere à circulação do literário, visto que permitem uma desmistificação do próprio ato de escrita e de circulação da obra literária, tornando todos – com ideias, tempo e vontade de escrever – escritores (e críticos) em potencial. Em certa medida, trata-se do renascimento do autor, num trocadilho inverso à famosa reflexão de Barthes (2004) sobre a morte do autor. Deve-se pontuar que a ausência de hierarquia das comunidades de fãs permite um diálogo entre pares, um processo de apreciação simultâneo, em tempo real, e um *boom* de histórias que já contam, desde seu princípio, com leitores assíduos, mas que sofrem a ação imediata de uma leitura que pode cancelar a qualidade da *fanfiction* ou relegá-la aos primeiros episódios e mais nada, ou seja, lançá-la ao esquecimento.

Assim, essas comunidades constroem protocolos de leitura e de apreciação criteriosos na medida em que o “sucesso” ou o “fracasso” de uma *fanfiction* está não apenas em agradar seu leitor, mas, sobretudo, em conseguir criar, a partir de uma história previamente “consagrada”, novos elementos ficcionais sem corromper os elementos narrativos da história original. Os leitores-críticos, nessas comunidades, parecem se aproximar do postulado de Scholes (1989) ao afirmar que a leitura deve ser realizada de certa forma, extraíndo-se dela o máximo de experiência ou o maior proveito, visto que a leitura não é somente uma aprendizagem do livro, ou seja, uma apreensão das informações ali contidas, mas, principalmente, uma aprendizagem do ler e do escrever o texto no próprio tecido da vida, revelando a construção cultural da subjetividade humana.

Além da oportunidade de escrita, as comunidades “fanfiqueiras” desestabilizam as fronteiras que limitam os vários sistemas componentes do universo literário na medida em que, analisando, por exemplo, uma das mais notórias dessas comunidades – *fanfiction.net* –, percebe-se que não apenas a chamada literatura de massa é objeto de recriação literária. Literatura de massa é aqui compreendida no sentido constituído por Sodré (1985) como uma literatura que se pretende a um público amplo, ou seja, cujo consumo se dá em grande escala. Pode-se encontrar *Emma*, *Jane Eyre*, *Les Misérables*, *Alice in Wonderland*, *Frankstein*, *1984*, *Chronicles of Narnia* ao lado de Harry Potter, Percy Jackson and the Olympians e Hunger Games.

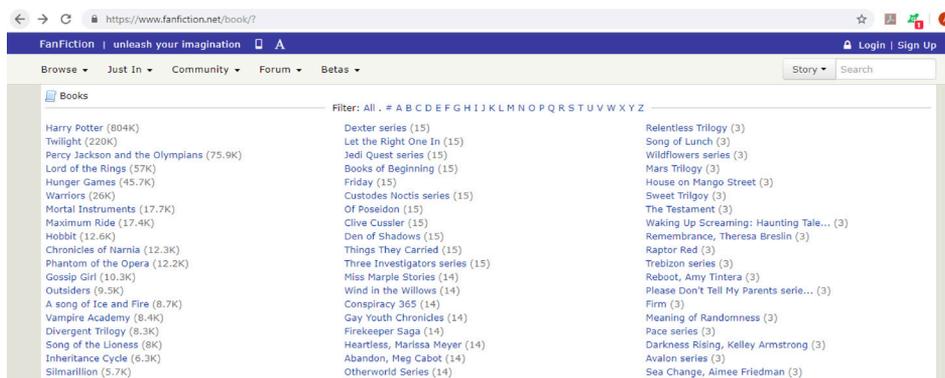


Figura 1 – Imagem parcial da lista dos livros originais

Fonte: FanFiction ([2019]).

Caracterizadas não apenas por seu apelo e tom democrático, as comunidades de fãs abrem espaço para a criação literária e para que público se torne também crítica literária. Assim, os papéis representativos do circuito literário passam a ser transgredidos na medida em que o leitor se torna autor ou, numa acepção de Rojo (2015), todos se tornam *lautores*¹ ou críticos e impõem apreciações aos textos que contam com sua adesão. Nesse jogo de papéis, constituem-se novas regras para a demarcação do território literário ou de um de seus sistemas. O que se observa, portanto, é que a cultura de fã promove a produção de gêneros diversos, com o nascimento diário de novos autores e leitores, e essas produções são fruto de releituras, escritas colaborativas, diálogos e revisitações (seja do cânone ou de obras não canônicas), revelando o pertencimento a essa comunidade, bem como o desejo de participação – em um processo atento de escuta e de fala (Fidelis; Azzari, 2016).

Harry Potter e seu fenômeno midiático e literário propulsionam de forma inequívoca esse processo, dispondo uma série de protocolos que passam a ser operacionalizados a partir de seu lançamento. Abre caminhos para o surgimento de uma gama de autores e produções que se ancoram na obra como modelo “de fazer e de ser”. É nesse cenário que surge a coleção que serve de mote para a análise deste ensaio: *A seleção*, de Kiera Cass.

¹ Termo criado por Rojo (2015) para nomear o fim da cisão leitor/autor no contexto das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs).

Essa narrativa – que reapresenta o conceito de “Cinderela às avessas” – é, aos olhos do leitor, um paradigma no que se refere à relação dos jovens autores com o mercado editorial, pois a autora rompe com a lógica inicial desse mercado ao iniciar sua carreira como escritora independente e responsável pela edição e publicação de sua obra. No entanto, *A seleção* (três volumes iniciais, acrescidos de mais dois volumes da vida das personagens com um lapso temporal de 20 anos) segue os trâmites tradicionais de edição e publicação, por não “nascer” numa comunidade “fanfiqueira”, fenômeno comum nesse novo ambiente editorial, e, nesse sentido, não goza do processo de teste sofrido pela leitura de uma base de fãs, cujas interferências são um fator importante para a revisão de elementos narrativos – construção de personagens, soluções de enredo e reorganização da temporalidade narrativa, por exemplo –, promovendo “mudanças de rota” significativas, em muitos casos, na edição final da narrativa.

Em contrapartida, torna-se objeto de produção literária na modalidade *fanfiction*, ao concentrar em seu universo uma série de fãs-escritores que passam a alimentar essas comunidades com uma série de desdobramentos da narrativa principal.



Figura 2 – Página da Plataforma Spirit – Indicação para a *fanfic* de *A seleção*

Fonte: Spirit fanfics e histórias (2018).

Do mesmo modo, *A seleção* também coloca em circulação resenhas e apreciações críticas e indica a apropriação de certos protocolos de leitura e de valoração para o objeto literário que se pautam por aproximações e distanciamentos em relação aos pressupostos construídos pela crítica especializada.

Muitas análises que circulam na *web*, exemplares de um modo de fazer crítica e de procedimentos de leitura, não se furtam, como já apontado, a mostrar fragilidades nas obras. Em certa medida, esse aspecto ilustra esse modelo ambivalente de leitura em que o fã é simultaneamente leitor e “crítico literário”, e, nesse sentido, promove uma imersão nos universos ficcionais que permitem a apreciação incondicional e o apontamento de fragilidades que revelam não apenas uma postura crítica, mas certo “ressentimento” diante de algumas soluções narrativas, consideradas pelo leitor/leitor-fã pouco adequadas ou desnecessárias.

Isso acontece porque o leitor não se restringe a um único papel nessa cadeia de significação do literário. Ele é, simultaneamente, fã, na medida em que acompanha

a obra, possui fascínio sobre ela, domina o universo construído pelo autor, pois já retornou a ele inúmeras vezes; é também autor, desafia-se ao processo da escrita, recria, através de suas *fanfictions*, a obra, encontrando suas próprias soluções, sem comprometer a narrativa original; e é crítico literário, ao se posicionar entre seus pares sobre a obra, utilizando protocolos de leitura convencionais para a valoração literária (o apreço pelos elementos de composição narrativa, por exemplo), deslocando-os e, em muitos momentos, ressignificando-os.

Por fim, é preciso refletir sobre como a comunidade de leitores dessas obras ancoram a representatividade dos seus integrantes no que se refere aos processos interpretativos delas, suas leituras e apreciações estéticas e literárias. Os modos de ler se sustentam pelo próprio poder que a comunidade passa a ter como representatividade dos indivíduos e vice-versa. Como indica Cosson (2014), não se trata apenas do reconhecimento de nós mesmos ou de nossos objetos culturais e de como nossa percepção está direcionada a nossos próprios interesses ou a nosso ambiente social, mas, principalmente, citando Fish, de que são as convenções da comunidade interpretativa que permitem a existência tanto do leitor quanto do texto.

Recuperando o conceito de polissistema, ao analisar a literatura de massa e seus modos de circulação tradicionais (via mercado editorial) e não-tradicionais (via comunidades de fãs e *blogs* de leitura), observa-se a construção de conceitos sobre o que é literatura e sobre o valor do objeto literário e os modos de ler e compreender as obras que circulam de forma cada vez mais rápida e ininterrupta na *web*. Há que se salientar que esses novos modos de compreensão não significam critérios de valoração e de leitura poucos rigorosos, mas, tão somente, que se pautam por novas formas de refletir e de delimitar esse território.

Assim, os agentes literários são tão efetivos quanto a crítica literária tradicional (a academia e os teóricos da literatura) nas suas apreciações sobre as obras analisadas, muito embora possam se pautar por diferentes critérios de valoração (ou os mesmos adotados pela crítica, mas ressignificados). Os elementos narrativos, a tessitura textual, a (im)previsibilidade, a construção das personagens e o nível de linguagem são elementos presentes nas apreciações críticas dessas obras, evidenciando a apropriação desses novos agentes literários – leitor-fã, *blogueiro* – de protocolos próprios do sistema central do território literário.

Literatura e Literatura em série: os vários espaços para a formação do leitor literário

Retomando a premissa inicial deste artigo – a leitura de literatura e o consumo de livros em série na contemporaneidade são faces dicotômicas quando se pensa na formação leitora do jovem? – e o breve percurso de análise tanto da obra seriada escolhida como *corpus* quanto dos espaços de construção da “história da leitura” nas comunidades “fanfisqueiras”, pode-se apontar, de maneira preliminar e sem pretender esgotar a questão, que a resposta a esse questionamento é não.

O consumo dos livros em série não se restringe apenas a uma mera fruição do texto (embora não a descarte) ou a uma postura acrítica e passiva por parte do leitor dessas obras. Nos vários papéis assumidos por esses “consumidores” de

literatura de massa – leitor, autor e crítico literário –, revela-se uma intrincada gama de sentidos negociados e posturas de ordenação no que se refere a elementos importantes para a compreensão da tessitura narrativa – verossimilhança, voz narrativa, utilização de clichês e soluções fáceis de enredo –, seja da chamada literatura canônica ou da literatura *best-seller*/de massa.

É possível destacar que esses leitores se rendem a um olhar de fã, aproximando-se das narrativas não apenas por suas soluções fáceis, mas, sobretudo, pelo reconhecimento de si mesmos nas tramas e nas suas realidades mais tangentes, sem que tenham que buscar a chave de uma interpretação quase que inalcançável. No entanto, pode-se também apontar que vários desses movimentos interpretativos, propiciados pela experiência de serem eles também autores de suas *fanfictions*, permitem-lhes uma análise mais acurada do tecido narrativo que serve a eles de material para suas próprias histórias. Nesse sentido, a experiência como um todo, não restrita à leitura pura e simples das obras, torna-se também formativa, oportunizando a essas comunidades uma troca efetiva de percepções do literário, ancoradas na tradição, no cânone e nos modos de ler da escola (Cosson, 2011).

Assim, não se trata, apenas, de conceber essa literatura como uma “porta de passagem” para a dita literatura “séria”, como apregoa uma parte da crítica literária, mas, principalmente, de possibilitar ao leitor diversas experiências de leitura. Por um lado, a literatura como polissistema permite ao leitor colocar a literatura (o cânone) ao lado da literatura (os demais sistemas do polissistema – literatura de massa, entre eles), sem juízos de valor que hierarquizam de forma estanque as obras. Por outro, as comunidades leitoras propiciam experiências diversas de leitura, modos de interpretação e de negociação de sentidos, formas de posicionamento e de produção literária. Na contemporaneidade, é nesse trânsito que se dá a formação literária do jovem e que se deve passar a analisar o próprio campo de conhecimento a que chamamos literatura.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BLOOM, H. Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes. *The Wall Street Journal*, New York, July 2000. Available in: <<https://www.wsj.com/articles/SB963270836801555352>>. Access in: 15 Dec. 2018.

BLOOM, H. *O cânone ocidental*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BLOOM, H. Elas não são idiotas. [Entrevistado por] Luís Antônio Giron. *Época*, Rio de Janeiro, n. 246, fev. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/a/0,6993,EPT479197-1666-1,00.html>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CARDEIRA, M. [Resenha] A Seleção #1: A Seleção, de Kiera Cass. In: CARDEIRA, M. *Blog O Romance Perfeito*. 2018. Disponível em: <<https://blogoromanceperfeito.blogspot.com/2018/02/resenha-selecao-1-selecao-de-kiera-cass.html>>. Acesso em: 18 maio 2019.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASS, K. *A seleção*. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2012.

CASS, K. *A elite*. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2013.

CASS, K. *A escolha*. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2014.

CASS, K. *A herdeira*. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2015.

CASS, K. *A coroa*. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2016.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Ed. UnB, 1999.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. Literatura: modos de ler na escola. In: SEMANA DE LETRAS, 11., 2011, Porto Alegre. *O cotidiano das letras: anais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/index.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

EVEN-ZOHAR, I. *Teoria dos polissistemas*. Tradução Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. 1990. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/22>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

FANFICTION. *Books*. [2019]. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/book/?>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

FIDELIS, A. C. e S. *Do cânone literário às provas de vestibular: canonização e escolarização da literatura*. 2008. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FIDELIS, A. C. e S.; AZZARI, E. F. Literatura, ciberliteratura e a formação de alunos-leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. *Caderno de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 53, p. 547-565, 2016.

FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

JÚNIOR, S. *Resenha: A Escolha – Kiera Cass*. 2018. Disponível em: <<http://leitorcompulsivo.com.br/2018/10/26/resenha-a-escolha-kiera-cass/>>. Acesso em: 11 maio 2019.

JÚNIOR, S. *Resenha: A Seleção – Kiera Cass*. 2018. Disponível em: <<http://leitorcompulsivo.com.br/2018/09/29/resenha-a-selecao-kiera-cass/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

KING, S. *The last word on Harry Potter*. 2007. Disponível em: <<https://ew.com/article/2007/08/10/stephen-king-last-word-harry-potter/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia*. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

ROJO, R. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. [Entrevista cedida a] Luiza Vicentini e Juliene Kely Zanardi. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, ano 14, v. 21, p. 329-339, jul./dez. 2015. Seção: Entrevista.

SCHOLASTIC CORPORATION. *Kids & Family Reading Report*. 6th ed. [New York], 2016. Available in: <https://www.scholastic.com/content/dam/KFRR/PastReports/KFRR2017_6th.pdf>. Access in: 15 Mar. 2019.

SCHOLES, R. *Protocolos de leitura*. Tradução Lígia Gutterres. Lisboa: Edições 70, 1989.

SIMÕES, A. [Resenha] *A Seleção – Kiera Cass*. 2014. Disponível em: <<https://www.minhavidaliteraria.com.br/2014/02/25/resenha-selecao-kiera-cass-html/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

SPIRIT fanfics e histórias. [A seleção]. 2018. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-selecao--supercorp-14591884>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

VITORINO, I. Resenha: A Elite por Kiera Cass. In: VITORINO, I. et al. *Blog Mundo dos Livros*. 2016. Disponível em: <<http://www.mundodoslivros.com/2016/07/resenha-elite-por-kiera-cass.html>>. Acesso em: 13 maio 2019.

Ana Claudia e Silva Fidelis, doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professora de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, supervisora de Estágio Supervisionado e coordenadora do subprojeto de Letras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Participou dos programas federais Pro-Letramento Mobilização pela Qualidade da Educação e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic). Atuou como coordenadora no processo de composição de acervos no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

fidelana@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1527-6136>

Recebido em 2 de abril de 2019

Aprovado em 17 de maio de 2019